

Livros didáticos sob a ótica do funcionalismo linguístico: o caso do ensino das orações adverbiais*

*Textbooks from the point of
view of linguistic functionalism:
the case of the teaching of the
adverbial clauses*

Ednaldo TARTAGLIA (UNIFAP/UEM)
ednaldo.tartaglia@gmail.com

Recebido em: 29 de jan. de 2018.
Aceito em: 01 de jun. de 2018.

*Este trabalho foi parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (PRODOUTORAL).

TARTAGLIA, Ednaldo. Livros didáticos sob a ótica do funcionalismo linguístico: o caso do ensino das orações adverbiais. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 304-322, maio/ago. 2018.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central verificar como é tratado o ensino de língua portuguesa nos livros didáticos do ensino médio de escolas públicas brasileiras, em particular, o ensino das orações adverbiais na relação com o funcionalismo linguístico e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Foram analisadas duas coleções de livros didáticos destinadas ao ensino de português (CEREJA; MAGALHÃES, 2010; AMARAL *et al.*, 2010). Para tanto, seguiu-se a linha de investigação teórica do funcionalismo britânico (HALLIDAY *et al.*, 1974; HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 2004), bem como premissas compartilhadas entre as vertentes do funcionalismo linguístico. Utilizaram-se ainda os PCN (2000) para o ensino de Língua Portuguesa. O percurso analítico possibilitou verificar que algumas premissas do funcionalismo linguístico, que também estão contidas nos PCN, fazem parte da organização dessas coleções de livros didáticos.

Palavras-chave: Funcionalismo linguístico. Livro didático. Orações adverbiais.

Abstract: The main objective of this work is to verify how Portuguese Language teaching is treated in the high school textbooks of Brazilian public schools, in particular, the teaching of adverb clauses in relation to linguistic functionalism and National Curricular Parameters (PCN). Two collections of textbooks aimed at teaching Portuguese were analyzed (CEREJA; MAGALHAES, 2010; AMARAL, *et al.*, 2010). In order to do this, the theoretical line of British functionalism (HALLIDAY *et al.*, 1974; HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 2004) was followed, as well as shared premises between the linguistic functionalism aspects; PCN (2000) for the teaching of Portuguese Language. The analysis made it possible to verify that some premises of linguistic functionalism, which are also contained in the PCN, are part of the organization of these textbook collections.

Keywords: Linguistic functionalism. Textbook. Adverbial clauses.

Introdução

Neste estudo, propõe-se investigar como é tratado o ensino de língua portuguesa nos livros didáticos do ensino médio de escolas públicas brasileiras, principalmente, no que diz respeito ao ensino de orações adverbiais na relação com o funcionalismo linguístico e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Questionou-se como é abordado o ensino de orações adverbiais nos livros didáticos, levando em consideração as premissas funcionalistas da linguagem, também contidas nos PCN. Esse questionamento nasceu de leituras de textos cujos autores afirmaram que os PCN são de bases funcionalistas (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007), e de textos que abordam o funcionalismo e o ensino (HALLIDAY *et al.*, 1974; NEVES, 1997; MARTELOTTA; AREAS, 2003; ANTONIO, 2005).

Desse modo, ciente de que essa pesquisa mobilizaria uma vasta relação de elementos, delimitou-se um recorte de análise e, assim, verificou-se como são feitas as abordagens no que se refere ao ensino de orações subordinadas adverbiais em duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio. Para tanto, fez-se uma pesquisa descritiva e bibliográfica.

De início, teceu-se uma breve relação entre o funcionalismo e os PCN e, posteriormente, analisaram-se os livros didáticos. Elegeram-se duas coleções de livros didáticos destinados ao ensino de Língua Portuguesa para o ensino médio, por estarem presentes em algumas escolas públicas do Estado do Paraná. Primeiramente, analisou-se a coleção *Português linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010), e, na sequência, a coleção *Novas palavras, nova edição* de Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo Silva

Leite e Severino Antônio Moreira Barbosa (2010). Essas duas coleções foram distribuídas pelo Programa Nacional dos Livros Didáticos (PNLD) e Ministério da Educação (MEC) para serem trabalhadas nos anos de 2012 a 2014.

Relação entre Funcionalismo e PCN

Nesta seção, primeiramente, pretende-se discorrer, em linhas gerais, acerca do funcionalismo linguístico. Para isso, parte-se das discussões acerca das dicotomias de Ferdinand Saussure (2006), *langue* e *parole*. No início do Século XX, o suíço se propôs a estudar a língua como um sistema. Nesse recorte, ele excluiu os estudos voltados para a fala.

Na década de 1960, com a guinada da Linguística¹, houve o desdobramento dessa ciência e a fala tornou-se objeto de estudo, culminando com pesquisas voltadas para as áreas da sociolinguística, psicolinguística, pragmática, análise do discurso, da gramática textual, da teoria da comunicação, da semiótica, do funcionalismo linguístico, etc.

Circunscrever o funcionalismo em termos de conceito, não é tarefa fácil. Nesse sentido, Neves (1997, p. 1) pondera que

os rótulos que se conferem aos estudos ditos ‘funcionalistas’ mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam.

Com isso, a autora chama a atenção para as várias correntes teóricas que se desenvolveram no interior do chamado funcionalismo linguístico². Sinaliza-se que há três grandes vertentes funcionalistas. Assim, tem-se o funcionalismo de linha holandesa em que se destaca a Gramática Funcional de Dik. Uma segunda linha corresponde ao funcionalismo britânico ancorado na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday. Outra corrente é conhecida como funcionalismo norte-americano ligado à Gramática Cognitivo-Funcional de Givón, bem como a estudos de outros teóricos.

¹ A guinada da Linguística foi um movimento de mudança dos estudos linguísticos no Ocidente durante o século XX, especialmente, na década de 1960, cuja característica foi a forma de pensar a língua e sua relação com a filosofia e com outros campos das ciências humanas. Nessa perspectiva, o conhecimento passa a ser concebido por meio da relação linguagem e mundo.

² Para mais informações a respeito do desenvolvimento do funcionalismo linguístico, recomendamos a leitura do capítulo *A visão funcionalista da linguagem no século XX*, em *Linguística Funcional: teoria e prática* de Mario E. Martelotta e Eduardo K. Areas (2003).

Esses três campos teóricos compartilham alguns pressupostos gerais, entretanto, há muitas especificidades entre eles. Este trabalho se apoia em premissas que são aceitas entre as três correntes teóricas.

Na tentativa de tecer uma visão geral acerca do polo funcionalista da linguagem no século XX, em contraponto com a vertente formalista, Martelotta e Areas (2003, p. 20) afirmam que a visão funcionalista:

caracteriza-se pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

Seguramente, esse entendimento de língua como um instrumento flexível de comunicação consiste em uma premissa partilhada pelas vertentes funcionalistas. Como exemplo, recortamos a concepção de língua dentro da corrente funcionalista holandesa, assim, de acordo com Dik (1997, p. 3, tradução nossa), ela “é, em primeiro lugar, conceituada como um instrumento de interação social entre os seres humanos, usada com a intenção de estabelecer relações comunicativas”³. O autor ainda acrescenta que, dentro desse campo de estudo, procura-se trabalhar com a instrumentalidade da linguagem no que diz respeito ao modo de como as pessoas a utilizam na interação social.

De certa forma, as abordagens funcionalistas, em linhas gerais, são caracterizadas pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, que não pode ser analisado como um elemento autônomo, mas sim flexível, sujeito às mais variadas situações de uso (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20). É por esse entendimento que foram conduzidas as discussões teóricas e analíticas neste artigo.

Halliday e Hasan (1989), em abordagens funcionalistas, mais precisamente acerca da Linguística Sistêmico-Funcional, asseveram que ela tem como premissa a existência do caráter relativo entre o uso da língua e o ambiente social em que ela é utilizada. Assim, suas discussões apontam para a necessidade de considerar esse ambiente nos estudos do texto ancorados nas engrenagens: processo e produto.

³ In the functional paradigm, on the other hand, a language is in the first place conceptualized as an instrument of social interaction among human beings, used with the intention of establishing communicative relationships. Within this paradigm one attempts to reveal the instrumentality of language with respect to what people do and achieve with it in social interaction (DIK, 1997, p. 3).

Ao pensar a linguagem, Halliday (2004) afirma que toda sua arquitetura se constitui em linhas funcionais. Assim, a linguagem é o que é devido às funções de uso desenvolvidas pelo homem. Seguindo essa linha de raciocínio, Neves (1997) assinala que toda a abordagem funcionalista de uma língua natural toma como base a verificação de como se obtém a comunicação dos usuários com essa língua, ou seja, procura verificar o modo como os usuários dessa língua se comunicam de forma eficiente.

O outro ponto de intersecção desta seção diz respeito aos PCN. Alguns estudiosos apontam que os PCN (2000) são fundados por orientações funcionais.

Se tivermos que classificar, em linhas gerais, a orientação dos PCN, podemos dizer que ela é de base funcional, uma vez que assume a língua como um organismo não autônomo, mas como produto e instrumento de comunicação, de persuasão, de expressão, de simulação, enfim, das manifestações humanas (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007, p. 89).

Nessa perspectiva, pensando a respeito do ensino de Língua Portuguesa, de acordo com Oliveira e Cezario (2007), o objetivo maior do ensino de língua materna é o desenvolvimento de competências indispensáveis a uma interação autônoma e participativa nas situações reais de comunicação, de leitura e de produção textual.

Essa perspectiva se sustenta no chamado ensino produtivo da língua, uma proposta desenvolvida por Halliday *et al.* (1974). Segundo esses teóricos, existem três modos de ensinar a língua. O primeiro é o prescritivo, baseado na fixação de padrões de prestígio. O segundo está centrado na análise de como o sistema linguístico funciona, isto é, o descritivo. E, por fim, o produtivo, um ensino calcado no aprimoramento das habilidades linguísticas, contemplando a fala e a escrita.

Os PCN (2000) orientam que as condições atuais e o avanço das ciências possibilitaram repensar o ensino de português. O trabalho com a leitura e a escrita foi além do conhecimento didático acumulado, mas também fez uso de contribuições de outras áreas, como a psicologia da aprendizagem, a psicologia da educação e as ciências da linguagem. Com o advento desses campos teóricos, é possível receber contribuições da psicolinguística, da sociolinguística, da pragmática, da gramática textual, da teoria da comunicação, além da semiótica, do funcionalismo linguístico e da análise do discurso.

Rangel (2005, p. 15), acerca do livro didático de língua portuguesa, afirma que o contexto e a situação de comunicação são determinantes para o sucesso da aprendizagem, assim, o professor de português viu-se “diante da necessidade de dialogar tanto com a ‘criança piagetiana⁴’ que habita cada aprendiz quanto com a cultura, que faz de cada um desses aprendizes um ser histórico singular”. Desse modo, a ideia de uso, de contexto e de universo cultural está entrelaçada ao processo de ensino-aprendizagem do indivíduo em relação à língua materna.

Nessa esteira, Cunha, Bispo e Silva (2014) chamam a atenção para as contribuições de pesquisas linguísticas, em especial, aquelas ligadas à corrente funcionalista centrada no uso, no sentido de subsidiar docentes em suas práticas pedagógicas. Dessa forma, as análises aqui empreendidas também caminham para essa direção, bem como possibilitam uma reflexão por parte dos profissionais responsáveis pela organização de livros didáticos no que diz respeito à forma como as questões de língua portuguesa vêm sendo tratadas.

Retomando as abordagens funcionalistas, para Oliveira e Cezario (2007), o funcionalismo linguístico estuda a estrutura gramatical inserida em situações reais de comunicação, isto é, calcada no uso da língua, levando em consideração o objetivo da interação comunicativa, os participantes envolvidos e o contexto discursivo. Com isso, o funcionalismo linguístico busca nesses elementos a motivação para os fenômenos investigados.

A respeito do ensino de gramática sob a ótica do funcionalismo linguístico, Antonio (2005) prioriza o ensino de gramática que leve o aluno a uma reflexão sobre o uso efetivo da língua, levando em consideração o convívio das variedades linguísticas, além da norma-padrão.

Para Oliveira e Cezario (2007, p. 92), conforme os PCN (2000), devem ser ensinados “apenas os termos que tenham utilidade para abordar os conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua excluindo-se tudo o que for desnecessário e costuma apenas confundir os alunos”.

Os PCN (2000) apontam que o estudo apenas dos aspectos formais da língua, aquele que desconsidera a inter-relação contextual,

⁴ Segundo Rangel (2005, p.15), Emília Ferreira (2000) empregou essa palavra, numa entrevista, para “referir-se ao sujeito intelectualmente ativo e culturalmente situado que as teorias da aprendizagem permitem reconhecer em toda e qualquer criança e, eu diria, até em todo e qualquer adulto em face de um novo objeto de conhecimento”.

semântica e gramatical própria da natureza e função da linguagem, impossibilita o vínculo do aluno ao caráter intrassubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem. Com isso, observamos a presença de premissas teóricas da linguística funcional no que tange ao sistema e ao uso da linguagem (HALLIDAY *et al.*, 1974; NEVES, 1997; HALLIDAY, 2004).

Assim, as propostas dos PCN (2000), sob a ótica do funcionalismo linguístico, orientam para um ensino que conduza o aluno a se tornar eficiente em termos linguísticos. Desse modo, a seguir, serão analisados livros didáticos no que se refere ao ensino das orações subordinadas adverbiais.

Livros didáticos sob a ótica do funcionalismo linguístico

Ante as especificidades desta pesquisa que consiste em analisar livros didáticos, primeiramente serão colocados em discussão alguns pontos acerca do livro didático e da gramática para, assim, sequenciar com o movimento analítico.

De acordo com Roxane Rojo (2012 *apud* RANGEL, 2015, p. 19), uma das características do livro didático “é o seu papel estruturador e cristalizador de currículos; e, em consequência, sua tendência a homogeneizar práticas e rotinas de sala de aula”. Essa é uma tendência ainda presente nesses materiais apesar das contribuições da guinada da Linguística.

Cunha, Bispo e Silva (2014, p. 83) advertem que nas escolas há o predomínio do ensino de gramática que estabelece regras de um predeterminado padrão da língua para aqueles que já dominam outras variedades dessa mesma língua. Isso advém, segundo os autores, da tradição literária, pois “representa o modo de escrever dos chamados ‘grandes escritores’, aqueles considerados os melhores usuários da língua”.

Nessa linha de raciocínio, Rangel (2015) levanta a questão de que o livro didático de língua portuguesa teria acumulado, ao longo dos anos, discrepâncias e inadequações capazes de gerar questionamentos quanto a seu papel, funções e formato.

Rangel (2005, p. 18) também afirma que o livro didático vem passando por processos de mudanças nas últimas décadas. Segundo ele,

o que hoje entendemos como ensino de língua materna é, portanto, uma espécie de síntese de respostas possíveis e legítimas aos questionamentos combinados das ciências da aprendizagem e da linguagem ao que se convencionou chamar de 'ensino tradicional' (RANGEL, 2015, p. 18-19).

Assim, para que o livro didático possa cumprir o seu papel, na atualidade, ele precisará enfrentar novos objetos didáticos do ensino de português, como o discurso, a língua oral, os padrões de letramento, a textualidade, as diferentes gramáticas, etc.

Por outro lado, o livro didático é um dos recursos e não o único utilizado pelo professor de língua portuguesa em sala de aula. Isso coloca em jogo a possibilidade de o primeiro ter um lugar marginal nas práticas de sala de aula, decorrente das condições institucionais, materiais e da atuação docente.

Outro ponto importante na introdução desta seção se refere ao entendimento de gramática. Neves (1997, p. 80), tecendo uma concepção para gramática, mobiliza alguns movimentos conceituais que se alinham às vertentes funcionalistas da linguagem. Dentre eles, a autora define a gramática como “um sistema de princípios que organiza os enunciados, pelo qual, naturalmente, os falantes nativos de uma dada língua se comunicam nas diversas situações de uso”. Assim, os falantes de um determinado idioma utilizam o conhecimento de sua língua, ativando a gramática para aparelhar sua linguagem, nas mais variadas situações de comunicação. Desse modo, colocamos em visibilidade um conceito de gramática o qual não trabalha apenas com o conhecimento tradicional da estrutura gramatical, mas também põe em jogo as formas do código linguístico utilizadas por seus usuários. É nessa perspectiva que a gramática é compreendida neste trabalho.

Em suma, serão analisados livros didáticos sob a ótica do funcionalismo linguístico e das recomendações dos PCN, verificando como esses materiais encaminham o ensino das orações adverbiais. Foram selecionadas as seguintes coleções: *Português Linguagens* de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhes e *Novas Palavras, nova edição* de Emília Amaral *et al.* Nessas coleções, priorizaram-se os capítulos destinados ao ensino das orações subordinadas adverbiais.

Português linguagens

Na coleção *Português linguagens* de Cereja e Magalhães (2010), o capítulo destinado ao ensino das orações subordinadas

adverbiais inicia-se com a chamada “Língua: uso e reflexão”. Os autores selecionam um anúncio construído pela linguagem verbal e midiática. Na linguagem verbal, temos um período composto, exemplificado em (01).

(01) *Uma empresa só atinge a maturidade / **quando** trabalha o seu lado infantil.*

Antes de conceituarem o que são as orações subordinadas adverbiais, os autores conduzem o aluno para uma reflexão sobre a divisão do período anteriormente referido em duas orações e levam o aluno a exercitar o valor semântico expresso pela conjunção *quando* na segunda oração. Os autores não conceituam a oração adverbial, no caso, uma oração subordinada adverbial temporal posposta à principal (NEVES, 2000, p. 787).

Cereja e Magalhães (2010) também exploram questões relacionadas ao texto verbal no inferior do anúncio. Direccionam os alunos ao questionamento e ao levantamento de hipóteses em relação aos sentidos proporcionados pelas escolhas linguísticas no anúncio, bem como seus possíveis objetivos. Com isso, há uma contextualização, ligando orações e situação de uso (HALLIDAY; HASAN, 1989; OLIVEIRA; CEZARIO, 2007).

Como foi observado em outras pesquisas (TARTAGLIA; JORRIN, 2016), Cereja e Magalhães, por também serem semanticistas e trabalharem com a gramática reflexiva, propõem aos alunos um estudo que parte da reflexão para o conceito.

Nesse sentido, em *Português linguagens*, após uma reflexão contextual, os autores adentram o conteúdo gramatical explicando a parte conceitual, a estrutura do período composto por subordinação e a classificação das orações subordinadas adverbiais e as orações adverbiais reduzidas de acordo com seus valores semânticos. Posteriormente, há uma sequência de exercícios de fixação.

Recortamos alguns desses exercícios para verificar como a gramática e o uso das orações subordinadas adverbiais são articulados no livro didático. São exploradas frases de caminhão, poemas, tiras, anúncios, etc., como exemplificada na Figura 1, cuja atividade é centrada na tira *O Pai da Aline*.

Figura 1 – Exemplo de atividade

6. Leia esta tira:



- a) A oração do 1º quadrinho relaciona-se com a do 2º por meio da locução conjuntiva *à medida que*. Qual é o valor semântico dessa locução nesse período?
- consequência • comparação • proporção • conformidade
- b) Classifique a oração *À medida que vamos ficando mais velhos*.

Fonte: Cereja e Magalhães (2010, p. 164).

A atividade ilustrada em (01) procura destacar o valor semântico da locução conjuntiva, bem como da oração subordinada adverbial, conduzindo o aluno a uma classificação gramatical. Assim, ancorado em Halliday e Hasan (1989), podemos dizer que os textos verbal e não verbal da tira conduzem a uma situação de uso da língua em contexto informal, isto é, uma situação do dia a dia das pessoas.

Cereja e Magalhães (2010, p. 166) exploram o emprego das orações adverbiais na construção textual. Nas atividades voltadas para o texto, eles trazem a seguinte nota informativa “As orações adverbiais estabelecem relações lógicas e coesivas importantes na construção do sentido do texto”. Desse modo, é possível fazer um direcionamento da discussão para o uso e função das orações adverbiais no texto, levando em consideração o código, a situação, as intenções do enunciador e o conhecimento dos interlocutores ou leitores, em caso de textos escritos.

Um exemplo disso é a atividade proposta com base no texto transcrito na Figura 2.

Figura 2 – Texto *Instantes*

Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros.

Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.

Seria mais tolo ainda do que tenho sido, na verdade bem poucas coisas levaria a sério. Seria menos higiênico. Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios.

Iria a mais lugares aonde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos lentilha, teria mais problemas imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto da sua vida, claro que tive momentos de alegria.

Mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos.

Porque, se não sabem, disso é feita a vida, só de bons momentos; não percam o agora.

Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um paraquedas; se voltasse a viver, viajaria mais leve.

Se pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse uma vida outra vez pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo

Fonte: Autor desconhecido *apud* Cereja e Magalhães (2010, p. 165).

A partir do texto *Instantes*, Cereja e Magalhães (2010) levam os alunos a compreenderem a construção textual. Eles direcionam as atividades para a reflexão sobre dois planos: o da realidade concreta (já vivida) e o plano da realidade hipotética (que não foi, mas poderia ser vivida). Os alunos devem reconhecer no texto as orações que conduzem ao efeito de sentido dessas realidades (concreta e hipotética), bem como observar o tempo verbal que possibilita esse entendimento.

Transcrevemos, na Figura 3, um exemplo de atividade que colabora para a compreensão da construção textual, levando em conta as orações adverbiais:

Figura 3 – Atividade

3. Observe que, considerando-se o mundo hipotético, várias orações (por exemplo, “Seria mais tolo ainda [...]”, “Seria menos higiênico”, “Iria a mais lugares [...]”, etc.) descrevem a forma ideal de vida, de acordo com a ótica do autor.

- a) Em que tempo e modo estão as formas verbais dessas orações?
- b) O que esse tempo e modo verbais expressam semanticamente?
- c) Como forma de justificar suas posições hipotéticas, o autor introduz em alguns trechos *flashes* do passado e relata o modo como viveu. Identifique no 7º parágrafo uma oração subordinada adverbial causal que cumpre o papel de justificar as projeções hipotéticas do autor.

Fonte: Cereja e Magalhães (2010, p. 166).

As questões “a” e “b” da Figura 03 tratam de elementos gramaticais como tempo e forma verbal, bem como o efeito de sentido da realidade concreta. Já a questão “c” traz em seu bojo a guinada da realidade vivida para a hipotética. Essa última questão chama a atenção para o período, transcrito em (02), retirado do texto *Instantes*.

(02) *Porque, se não sabem, disso é feita a vida, só de bons momentos; não percam o agora.*

Com a oração subordinada adverbial causal de (02), Cereja e Magalhães (2010) fornecem ao aluno elementos que lhe permitem compreender a construção do jogo de sentido do texto, pois a oração subordinada adverbial indica a causa do efeito da realidade concreta, passando para as projeções hipotéticas do autor do texto.

Essa proposta de reflexão, exemplificada no Quadro 3, dialoga com as orientações dos PCN (2000), pois não se limita ao estudo apenas dos aspectos formais da língua, desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical que é própria da natureza e função da linguagem, o que impossibilitaria o desenvolvimento crítico do aluno em relação à compreensão e instrumentalização da língua.

Os PCN (2000, p. 5) orientam que a linguagem é considerada “como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade”. Desse modo, na seção, “Semântica e discurso”, Cereja e Magalhães

(2010, p.166, grifos dos autores) trabalham algumas possibilidades de uso e sentido das orações subordinadas adverbiais, como nos exemplos destacados em (03) e (04).

(03) Os jovens curtem a dupla *jeans* e camiseta *porque é uma roupa prática e bonita*.

(04) A dupla *jeans* e camiseta é tão prática e bonita *que todos os jovens a curtem*.

Em (03), Cereja e Magalhães (2010) destacam a oração subordinada adverbial causal e indagam ao aluno onde está a consequência de a roupa ser prática e bonita. Dessa maneira, eles pretendem levar o aluno à reflexão a respeito do uso e do valor semântico da oração subordinada, isto é, o efeito de causa da oração subordinada adverbial em relação à oração principal.

Já em (04), os autores tratam da oração subordinada adverbial consecutiva. Eles perguntam em que oração está a causa do fato de os jovens “curtirem” esse tipo de roupa. Nesse sentido, diferentemente do período anterior, o efeito de sentido de consequência está expresso na afirmação “é tão prática e bonita” da oração principal e não na oração subordinada, ou seja, todos os jovens a curtem pelo fato de que a dupla é prática e bonita.

Neves (1997, p. 15) salienta que, de modo geral, a gramática funcional é

uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso.

A teoria funcionalista procura verificar como se dá a comunicação e como os indivíduos utilizam a língua. Esse modelo de gramática está engendrado na premissa de que os indivíduos possuem capacidades de codificar e decodificar expressões, além de usar e interpretar essas expressões de maneira eficiente.

Com essa linha de raciocínio e com a análise da proposta de ensino das orações subordinadas adverbiais, é possível afirmar que Cereja e Magalhães (2010) se preocupam em expor não somente o conteúdo gramatical, mas, por meio de variados gêneros textuais, procuram

conduzir o aluno a uma reflexão a respeito dos sentidos proporcionados pelo uso da língua em variadas situações de comunicação, contemplando o ensino das variáveis linguísticas e da norma-padrão (ANTONIO, 2005; OLIVEIRA; CEZARIO, 2007).

Novas palavras, nova edição

Outra coleção de livros didáticos a ser analisada é *Novas palavras, nova edição* de Amaral *et al.* (2010). O capítulo destinado às orações subordinadas adverbiais está no volume 3, proposto ao terceiro ano do ensino médio.

Os autores iniciam o capítulo com a tira de Hagar, conforme ilustramos na Figura 4.

Figura 4 – Tira de Hagar

Nos dois capítulos anteriores, estudamos as **orações subordinadas substantivas** e as **subordinadas adjetivas**. Leia, agora, esta tira humorística:



Hagar, de Chris Browne. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 set. 2003.

Fonte: Amaral *et al.* (2010, p. 298).

O texto, exemplificado na Figura 4, contempla a linguagem verbal e não verbal. A tira recorta um pequeno diálogo entre duas pessoas em uma situação de comunicação. Nesse sentido, os autores aproveitam os recursos linguísticos para conceituar a oração “quando ele chegar perto” como oração subordinada adverbial temporal, pois exprime uma circunstância de tempo.

Após esse apanhado introdutório, os autores direcionam o conteúdo para a parte estrutural e conceituam as orações subordinadas adverbiais. A classificação e os exemplos expostos pelos autores priorizam, inicialmente, os períodos isolados sem uma relação com os contextos. No entanto, posteriormente, os autores também trazem uma seção que contempla as orações adverbiais nos textos, como no exemplo, transcrito na Figura 5.

Figura 5 – Piada

Quando a cegonha chegou à casa dos meus vizinhos para entregar a encomenda, o garoto era tão feio que eles ficaram com a cegonha e devolveram o menino.

Fonte: Max Nunes *apud* Amaral *et al.* (2010, p. 302).

O texto, transcrito na Figura 5, se enquadra na tipologia narrativa, gênero piada. Temos, assim, um texto do cotidiano. Amaral *et al.* (2010) apontam nesse texto as orações subordinadas adverbiais que indicam tempo – “Quando a cegonha chegou à casa dos meus vizinhos”; que indicam finalidade – “para entregar a encomenda” –, e consequência – “que eles ficaram com a cegonha e devolveram o menino”. Neves (2000, p. 787) adverte que a ordem das orações “é pertinente para a interpretação do efeito de sentido”. Assim, com essas sequências, Amaral *et al.* (2010) poderiam chamar a atenção para a construção textual, pois a progressão narrativa dos fatos da piada se constrói por meio das orações subordinadas adverbiais. Desse modo, ter-se-ia um trabalho voltado para o que Halliday *et al.* (1974) chamaram de arquitetura da linguagem, ou seja, uma proposta que trata da estrutura e do funcionamento da linguagem em relação ao sentido e à construção textual. No entanto, as orações subordinadas adverbiais são apenas destacadas e classificadas automaticamente pelos autores, sem exigir uma reflexão por parte do aluno.

Amaral *et al.* (2010) expõem mais um texto no qual localizam e classificam orações subordinadas adverbiais. Novamente, observamos que o conteúdo e a função semântica das orações são apresentados diretamente ao aluno sem um direcionamento para a reflexão a respeito do uso e da função, para se chegar ao conceito das orações subordinadas adverbiais. Na sequência, há também uma síntese gramatical dos conteúdos estudados, isto é, uma forma de reforçar o ensino das orações subordinadas adverbiais, calcada no modelo tradicional de gramática. Posteriormente, há uma relação de atividades que trabalham períodos isolados e alguns relacionados ao texto, o que possibilita uma compreensão do uso e função da linguagem.

Na atividade destacada na Figura 6, Amaral *et al.* (2010) fazem uma contextualização da situação do período “*Mesmo sendo alta e magra, ela se classificou entre as finalistas do concurso*” e solicitam que os alunos classifiquem a primeira oração do período, além de comentarem e justificarem a respeito dos efeitos de sentidos presentes nos discursos da oração.

Figura 6 – Fragmento de atividade

- 4.** Suponha que, em um determinado país, tenha-se realizado um concurso de beleza feminina e que um comentário a respeito de uma das candidatas tenha sido o seguinte:

“Mesmo sendo alta e magra, ela se classificou entre as finalistas do concurso”.

- a)** Classifique a primeira oração desse período.
b) Qual é o padrão de beleza feminina no país em que se realizou o concurso? Justifique.

Fonte: Amaral *et al.* (2010, p. 305).

Nessa atividade, tem-se o trabalho com a gramática, o texto, o sentido e o contexto envolvido no período acima, tendo como plano de fundo as orações adverbiais (HALLIDAY *et al.*, 1974; OLIVEIRA; CEZARIO, 2007). Há um movimento que se esforça para tratar do uso da linguagem, embora a questão “a” da atividade aborde puramente a classificação gramatical.

Referindo-se ao discurso e às orações adverbiais, os autores destinaram a seção “Da Teoria à Prática” para, inicialmente, discutir os sentidos proporcionados pelas escolhas linguísticas e, posteriormente, adentrar em atividades que abordam os sentidos codificados pelas orações adverbiais.

No texto apresentado na Figura 7, os autores chamam a atenção para a construção do período “*Apesar de ser mulher, ela é competente*”, o qual se inicia com uma oração subordinada adverbial concessiva. Os autores advertem para o sentido implícito nessa declaração. Entende-se que, na opinião do entrevistado, as mulheres geralmente são incompetentes, o que demonstra, intencionalmente ou não, o seu preconceito em relação à capacidade feminina. Os PCN (2000, p. 5) advertem que a “linguagem verbal é um sementeiro infinito de possibilidades de seleção e confrontos entre os agentes sociais coletivos”, assim, as discussões lançadas na introdução da seção “Da teoria à prática” são voltadas para o uso da oração subordinada adverbial e os discursos que são produzidos com ela, isto é, os sentidos lançados de acordo com uso, função e contexto (HALLIDAY; HASAN, 1989; OLIVEIRA; CEZARIO, 2007).

Figura 7 – Fragmento de texto

Certa ocasião, uma economista foi convidada pelo então presidente da República para assumir o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Solicitado por um repórter a opinar a respeito da nova ministra, um empresário fez a seguinte declaração:

“Apesar de ser mulher, ela é competente.”

Fonte: Amaral *et al.* (2010, p. 306).

Com base nessas últimas atividades, é possível concluir que Amaral *et al.* (2010) também procuram relacionar língua, uso, função e contexto nas atividades. Destacamos certa insistência nos conteúdos gramaticais, todavia, os autores procuram equilibrar o ensino das orações subordinadas adverbiais com as análises e atividades envolvendo os mais variados gêneros textuais e, assim, considerando a língua como um instrumento de comunicação entre os usuários (DIK, 1997; MARTELOTTA; AREAS, 2003).

Considerações finais

A presente análise, tecida pelo viés teórico do funcionalismo linguístico, também presente nos PCN de língua portuguesa, possibilitou observar como alguns autores de livros didáticos de língua portuguesa organizam o ensino das orações adverbiais.

Com o percurso analítico, ressaltou-se que os livros didáticos, aqui analisados, contemplam, de alguma forma, os três modos de ensinar a língua: o prescritivo, o descritivo e o produtivo. Embora esses livros trabalhem com os padrões de prestígio da língua, com o funcionamento do sistema linguístico e com o aprimoramento das habilidades linguísticas do aluno, talvez haja um desequilíbrio na forma de abordar esses elementos.

Há autores que, em alguns momentos, concentraram o ensino das orações adverbiais na conceituação gramatical. Entretanto, nas coleções aqui analisadas, também buscou-se um ensino calcado no desenvolvimento de habilidades do aluno, por meio de reflexão e de variadas situações de uso da linguagem. Desse modo, a análise sinaliza um ensino que, de alguma maneira, contempla o contexto de uso da língua, envolvendo o estudo das orações adverbiais.

De todo modo, faz-se necessário compreender que o livro didático não deve ser a única ferramenta para os professores mediar o ensino da língua materna. A sala de aula é um ambiente heterogêneo que também congrega inúmeras situações sociais e linguísticas. É preciso ir além dos materiais didáticos para que os alunos possam compreender a língua e utilizá-la nas mais variadas situações de uso na comunidade linguística.

Por fim, esta análise contribui para que um olhar mais crítico seja lançado sobre as questões que são apresentadas nos livros didáticos. Com isso, este estudo tenciona sensibilizar os profissionais, autores de livros didáticos, no que diz respeito à proposição de questões envolvendo o uso da língua. Também, tenta servir de alerta aos professores que adotam tais livros no sentido de contemplarem abordagens e discussões que vão além daquelas circunscritas às atividades dos livros didáticos. Acredita-se que os exercícios do livro didático podem ser embasados em um ensino mais produtivo da língua, proporcionando o aprimoramento das competências comunicativas dos alunos, visando ao conhecimento e a uma boa articulação do uso da arquitetura da linguagem, assim como já preconizam os PCN e os estudos funcionalistas.

Referências

- AMARAL, Emília *et al.* **Novas palavras, nova edição**. São Paulo: FTD, 2010. v.3.
- ANTONIO, Juliano D. Algumas contribuições do Funcionalismo e da Linguística Textual para o ensino de gramática na escola. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 27, n. 1, p. 1-6, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN) – Língua Portuguesa (Ensino Médio). Brasília: Ministério da Educação – MEC, 2000.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. v.3.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, Niterói, v. 19, n. 36, p. 80-104, jul. 2014.
- DIK, Simon. **The Theory of Functional Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 1-18. v.2.
- HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. revisada por C. M. I. M. Matthiessen. London: Edward Arnold, 2004.
- HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text**. Oxford: OUP, 1989.

HALLIDAY, Michael A. K. *et al.* **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas.** tradução de Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARTELOTTA, Mario E.; AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In:* CUNHA, Maria A. Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Eduardo (Org.). **Linguística Funcional:** teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.10, n.1, p. 87-108, jan./jun. 2007.

RANGEL, Egon. Livro didático de língua portuguesa: o retorno do recalcado. *In:* DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **O livro didático de Português:** múltiplos olhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-20.

RANGEL, Egon. Livro didático de Língua Portuguesa para a Educação Básica: problemas e perspectivas. *In:* BUNZEN, Clecio (Org.). **Livro didático de português:** políticas, produção e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 07-15.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral.** 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARTAGLIA, Ednaldo; JORRIN, Maria do S. D. Loura. Um olhar semântico sobre o conteúdo dos livros didáticos do Ensino Médio. **Linguagens** – Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 10, n. 1, p. 94-111, jan./abr. 2016.